

O SIGNIFICANTE NA NEUROSE OBSESSIVA: O SINTOMA E SUA RELAÇÃO COM O DESEJO

RILMA DO NASCIMENTO MEDEIROS E MARGARIDA ELIA ASSAD - UFPB

**É a verdade do que esse desejo foi em sua história
que o sujeito grita através de seu sintoma.**
(Jacques Lacan, *Escritos*)

Introdução

Este artigo pretende abordar através da interface Lingüística e Psicanálise o significante na neurose obsessiva, mais especificamente, o sintoma obsessivo e sua relação com o desejo, a respeito do deslocamento metonímico que o sujeito faz nessa relação, através do deslizamento significante.

1. Lingüística e psicanálise

Influenciado pela Lingüística estrutural de Ferdinand de Saussure (1916), Jacques Lacan, psicanalista francês, constrói sua teoria aproximando o funcionamento inconsciente ao funcionamento da linguagem, a partir da noção de sistema. É a partir do funcionamento da língua que surge a possibilidade de aproximação com a Psicanálise. A Lingüística estrutural de Ferdinand de Saussure (1916) introduziu para o estudo da língua a idéia de que esta fosse observada no tocante ao seu funcionamento no sistema, ou seja, a língua depende do seu movimento no sistema, não simplesmente de uma origem.

O sistema lingüístico é composto por signos (significante e significado). *O signo é pois finalmente definido como a “totalidade” constituída pela associação do significado e do significante* (ARRIVÉ, 1999, p. 40). Os signos só existem dentro do sistema lingüístico e possuem uma ligação arbitrária, ou seja, não há um motivo a priori para a ligação de um determinado significante e seu significado, e é por existir essa arbitrariedade que permite que haja movimento no sistema. A língua passa então a ser observada nessa concepção de estrutura. Utilizando-se da noção saussuriana de sistema de signos, e mais, desse signo lingüístico como elemento principal, constituído da relação significante/significado, aliado a seus questionamentos a respeito da clínica, Lacan se baseia para criar sua teoria sobre a constituição do sujeito. Dito de outra forma, busca nos conceitos lingüísticos saussurianos, melhor compreender o sujeito e sua relação com a linguagem.

Entretanto, Lacan atesta uma primazia do significante sobre o significado, e partindo do algoritmo S/s afirma a posição primordial do significante em relação ao significado e a barra como algo que resiste à significação. Enfatiza com essa primazia, que é a cadeia significante, ou seja, seu deslizamento, que produz um efeito de significação para o sujeito.

“O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental. O que com efeito caracteriza a linguagem é o sistema do significante como tal.” (LACAN, 2002, p. 139).

Os conceitos construídos por Lacan, os quais sustentam a hipótese do *inconsciente estruturado como uma linguagem*, foram baseados a partir da analogia feita por ele entre dois funcionamentos: o funcionamento dos processos inconscientes, trazidos por Sigmund Freud (1900) em sua teoria sobre a Interpretação dos Sonhos; e o funcionamento de certos aspectos da linguagem, este a partir de concepções da Lingüística estrutural, principalmente da obra de Ferdinand de Saussure.

2. Metonímia e metáfora: relações sintagmáticas e associativas

Para Freud (1900) a linguagem dos sonhos é considerada uma das principais formas de expressão do inconsciente, através de representações simbólicas. Essa linguagem se dá por meio de dois mecanismos fundamentais: a condensação (de idéias) e o deslocamento (de uma idéia para outra). Lacan faz uma releitura das noções propostas por Freud, de deslocamento e condensação, e traça um paralelo com os conceitos trazidos pela Lingüística, de metonímia e metáfora, estes dois últimos vindos do lingüista russo Romam Jakobson (1956).

Os dois eixos da linguagem (sintagmático e associativo) criados por Ferdinand de Saussure (1916), foram de fundamental importância para o estudo de Jakobson acerca das afasias.

No eixo sintagmático saussuriano as palavras ordenam-se entre si, de acordo com seu encadeamento no discurso, por isso este eixo corresponde à fala. As relações aqui estabelecidas são baseadas no caráter linear da língua, ou seja, o fato de não se pronunciar ao mesmo tempo, dois elementos. A combinação desses elementos recebe o nome de sintagma. *A frase é o tipo por excelência de sintagma* (SAUSSURE, 1995, p. 144).

O eixo associativo (também chamado de paradigmático) diz respeito à seleção de elementos por associação e pertence ao sistema da língua. Segundo Saussure (1916) por corresponder a um processo de associação mental, as relações não se referem somente a algo que os elementos apresentem em comum, as relações associativas permitem as mais diversas possibilidades. No eixo associativo, as relações se estabelecem como afirma Arrivé (1999) “fora do discurso”. “Enquanto um sintagma suscita em seguida a idéia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada.” (SAUSSURE, 1995, p. 146).

Em seu texto “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, Jakobson (1956), influenciado pelos conceitos saussurianos, traz as noções de metáfora e metonímia como processos semelhantes no funcionamento da linguagem. O discurso dentro das afasias, e mesmo no funcionamento normal - segundo ele - se desdobra segundo dois tipos de processos: o processo metafórico, o qual corresponde ao eixo das seleções. Nesse processo, uma seleção entre elementos disponíveis supõe a possibilidade de substituição de um termo pelo outro, por similaridade, esse eixo equivale às relações associativas em Saussure (paradigma). O outro processo diz respeito ao metonímico, referente ao eixo das combinações. *Todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos* (JAKOBSON, 1995, p. 39). É a relação de contigüidade dos elementos que caracteriza esse processo, o qual diz respeito na teoria saussuriana às relações sintagmáticas. (sintagma). *A linguagem em seus diferentes aspectos, utiliza os dois modos de relação* (JAKOBSON, 1995, p.41).

A partir desses conceitos, Lacan então afirma a equivalência do processo metafórico ao mecanismo de condensação, e do processo metonímico ao mecanismo de deslocamento. A idéia desses dois eixos que cortam a linguagem permite observar sua relevância para os conceitos da teoria lacaniana, a saber, as construções metafóricas e metonímicas.

Dessa aproximação – feita por Lacan – entre a Psicanálise e a Lingüística, surge sua idéia fundamental sobre a supremacia do significante e suas conseqüências no tocante às formações do inconsciente. Lacan (1956) assinala a importância do significante na constituição do sujeito ao afirmar que só há possibilidade de transferência de sentido dentro de uma estruturação significante é a partir de uma articulação metonímica, dentro da cadeia significante que as transferências de sentido são possíveis de surgirem, o que denota também a primazia do significante em relação ao significado. Essa estruturação significante se dá a partir desses dois processos (metafóricos e metonímicos). A metonímia surge e possibilita o aparecimento da metáfora, entretanto as duas são de graus diferenciados.

Donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse momento.

Impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante (...). (LACAN, 1998, p. 506).

Para Lacan (1957) a estrutura metonímica parte da conexão entre os significantes, permitindo que o significante ateste a falta do ser na sua relação de objeto. O desejo então sustenta essa falta e permite que a cadeia significante continue. Por isso essa relação tão intrínseca da metonímia com o desejo, pois este é marcado pela falta. Na estrutura metafórica, é ao substituir um significante por outro que permite a passagem

do significante para o significado, um efeito de significação. Por ser um efeito de sentido e não comportar tudo a respeito do sujeito, essa possibilidade de emergência da significação pela metáfora não encerra a cadeia e por isso a metonímia segue incessantemente presente.

3. Neurose obsessiva

A Psicanálise iniciou seu trabalho a partir do estudo da neurose e dos sintomas. Considerada, ao lado da histeria, como segunda grande doença dentro da classe das neuroses, a neurose obsessiva foi identificada em 1894, por Sigmund Freud. No artigo “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, de 1896, Freud traz a necessidade de situar a neurose obsessiva junto à histeria, necessidade esta decorrente de suas pesquisas sobre o inconsciente.

Originada de um conflito psíquico infantil e com uma causa sexual, esse tipo de neurose se caracterizaria - num quadro clínico - por manifestações de sintomas obsessivos e uma permanente ruminação mental, na qual a dúvida intervém, inibindo o pensamento e a ação. Ao contrário da histeria, onde os sintomas se manifestam primordialmente no corpo, na neurose obsessiva, o sintoma encontra-se no nível dos pensamentos. Para Freud, a formação sintomática do obsessivo partiria de idéias obsessivas as quais seriam produtos de um compromisso. O encontro sempre traumático do sujeito com o sexo, na neurose obsessiva, acarreta auto-recriminação e culpa.

“A propósito de um caso de neurose obsessiva”, texto de Freud publicado em 1909, é considerado um paradigma psicanalítico da neurose obsessiva, servindo como referência até para os estudos mais atuais. A história de Ernest Lehrs, mais conhecido como o caso do “Homem dos Ratos”, o jovem tenente que sofria de grande aflição, e que, orientado por um amigo, procurou Freud apresentando uma profunda angústia e confusão mental. No decorrer do tratamento Freud percebe elementos importantes no caso, e a partir deles, descreve algumas características que julga centrais na estrutura obsessiva. Dentre elas, a de que os pensamentos obsessivos sofrem uma deformação parecida com a que ocorre nos pensamentos oníricos; a questão da dúvida, da incerteza como aspectos centrais nesse tipo de estrutura; a ambivalência; e a linguagem do obsessivo como um dialeto, referindo-se ao mecanismo de deslocamento muito utilizado por esse sujeito.

Em seu artigo “O sentido dos sintomas” (1916), Freud afirma que os sintomas possuem um sentido e que esses têm uma relação com a história do sujeito. O sintoma então teria um sentido inconsciente, ele diz algo, mesmo que o sujeito desconheça. E isto lhe causa sofrimento. Sobre os sintomas obsessivos, Freud afirma que uma das características principais na neurose obsessiva diz respeito à predominância da realização de deslocamentos por parte do obsessivo, a possibilidade que este encontra de deslocar um sintoma para algo muito distante de sua conformação original. Para Freud (1912), o conflito existente na história do sujeito é, de certa maneira, solucionado pela formação de sintomas, os quais em conseqüência desencadeariam a doença manifesta. Os sintomas então se apresentam como substitutos nesse processo, pois a idéia obsessiva é correta no tocante ao afeto e à categoria, mas é falsa por conta do deslocamento e da substituição por analogia. A formação desses sintomas refere-se ao destino que o sujeito dá à representação do trauma sexual, no caso da neurose obsessiva, o recalque.

Entretanto, Freud depois abandona sua primeira teoria da neurose e descobre que no inconsciente não há indicação de realidade objetiva, a realidade é psíquica e determinada pelas fantasias inconscientes. Nesse âmbito, o valor da análise é que ela pode operar sobre a fantasia inconsciente do sujeito, muito além do sintoma. Na neurose obsessiva, as fantasias desempenham um papel predominante, como uma organização significante, elas invadem a vida psíquica do obsessivo.

Sobre a questão da descoberta freudiana e do sintoma, Lacan (1958) atesta:

Em que foi que a descoberta freudiana depositou a ênfase, em seu início? No desejo. O que Freud descobriu essencialmente, o que ele apreendeu nos sintomas, fossem estes quais fossem, quer se tratasse de sintomas patológicos, quer se tratasse do que ele interpretou no que até então se apresentava como mais ou menos redutível à vida normal, como o sonho, por exemplo, foi sempre um desejo. (LACAN, 1999, p. 331).

Desse modo, a estrutura do neurótico obsessivo é determinada, caracterizada por uma certa relação com o desejo. Como em qualquer sujeito, primeiramente passou pelo desejo do Outro. O Outro nesse âmbito diz respeito a uma alteridade, da relação do homem com seu desejo, ou seja, é nesse lugar do Outro que se constitui o desejo do sujeito, é o campo implicado pela linguagem, lugar da palavra.

De uma ordem simbólica, o Outro é o saber do inconsciente. No caso do obsessivo, o desejo do Outro foi inicialmente anulado, destruído, pois para ele esse desejo é visto, a partir de sua relação com a imagem do outro, como o desejo de um inimigo, rival. Seu movimento dirige-se para o desejo como tal, ele ambiciona destruir o justamente para que este subsista, reduzindo esse desejo ao nível de demanda. É justamente pela via da fantasia, que ele pode manter essa distância necessária, posição que o sujeito toma ao mesmo tempo para garantir esse desejo.

Na sintomatologia do obsessivo, ele tenta destruir o desejo do Outro através do significante e do verbo, o que se torna angustiante para esse sujeito, pois é também numa certa articulação significativa que ele preserva a dimensão do Outro.

Para Lacan, a saber, “o desejo é o desejo do Outro, por que seu desejo é evanescente. (...) o Outro, (...) é o lugar onde o significante ordena o desejo” (LACAN, 1999, p. 417). Dito de outra forma, o Outro é o lugar puro e simples do desejo e por isso esse desejo necessita desse apoio. O desejo parece poder inscrever-se no registro de uma relação simbólica com o Outro, através do desejo desse Outro. Essa submissão ao Outro se dá pela condição da demanda. Demanda esta que é, antes de mais nada, expressão do desejo, quando este desdobra-se numa demanda ao fazer-se palavra, e está sempre dirigida a outrem. “(...) o sujeito articula sua demanda em termos orais, articula seu desejo em termos de absorção, ele se encontra numa certa relação (S \diamond D), isto é, no nível de uma articulação significativa virtual que é a do inconsciente.” (LACAN, 1999, p. 427).

Ao se fazer demanda o desejo vai se perdendo na cadeia significativa. O desejo então, se refere ao resto metonímico da demanda que o sustenta, é a metonímia do ser no sujeito. Referente ao obsessivo, ele precisa de um desejo para além da demanda, ou seja, um desejo insatisfeito. Isso é o que o impulsiona para solucionar a questão do esvanecimento de seu desejo tornando-o proibido, ele o mantém como impossível.

Conclusão

O sintoma, assim como o inconsciente, é estruturado como uma linguagem, e revela não a verdade da doença, mas a verdade do sujeito, pois procura apreender em si o desejo inconsciente, ou seja, o sintoma *fala*, pois, dessa relação do sujeito com seu desejo. Em relação ao obsessivo, este faz um uso muito peculiar do significante, através do deslocamento metonímico, uma das características principais da linguagem na neurose obsessiva. É sempre uma parte, por haver uma certa defasagem entre o significante e o significado.

É então pela via do sintoma, do deslizamento significativo, que o sujeito obsessivo busca dar conta de sua relação com o desejo, tentando talhá-lo simbolicamente. “A estruturação, a existência lexical do conjunto do aparelho significativo, são determinantes para os fenômenos presentes na neurose, pois o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido.” (LACAN, 2002, p. 252).

Nessa estrutura psíquica, o deslizamento significativo se torna imprescindível para compreender a metonímia do desejo na neurose obsessiva, já que o sintoma do obsessivo carrega a forma como ele lida com seu desejo, pois condensa de certa maneira, a questão da demanda e desejo. A neurose obsessiva questiona algo não subjetivado na esfera do *ser*, e é através dos mecanismos obsessivos, dos sintomas, que o sujeito tenta conseguir reconhecer-se em relação ao seu desejo, são tentativas que o obsessivo faz nessa busca por equilíbrio.

Referências Bibliográficas

GAZZOLA, Luiz Renato. *Estratégias na neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MELMAN, Charles. *Clínica Psicanalítica – Artigos e Conferências*. Salvador: Editora Ágalma, 2007.

_____. *A neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

JAKOBSON, Romam. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. *O seminário. Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. *O seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Brás. Antônio Chelini et AL. 25ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

FREUD, Sigmund. *Dois histórias clínicas (O “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”)*, Vol. X. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

_____. *Totem e tabu e outros trabalhos. Vol. XIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, Vol. XVI*. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. *A neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.